





Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes

Volume 2

César Costa

Copyright © 2018 César Costa

Título: Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes – Volume 2

Capa, revisão e diagramação: César Costa

Photo credit: shining.darkness / Foter.com / CC BY

1ª Edição

Costa, César

Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes – Volume 2 / César
Costa – Resende/RJ.

173 p.; II.

1. Literatura brasileira; 2. Policial; 3. Romance brasileiro; I. título

* Sherlock Holmes é um personagem de ficção, criado pelo escritor britânico, *Sir Arthur Conan Doyle*, cujos direitos se encontram em domínio público.



Todos os direitos reservados.
<http://www.cesarcosta.com.br>

Sinopse

Este segundo volume é composto por quatro histórias que narram aventuras inéditas do detetive mais famoso do mundo: Sherlock Holmes. Nele, seu companheiro, John Watson, já em idade bastante avançada, resgata seu bloco de anotações para trazer à luz aventuras antes não reveladas à humanidade. Alguns casos simplesmente caíram no esquecimento, enquanto outros eram embaraçosos demais para serem compartilhados... Até agora.

Em um dos poucos casos escritos pelo próprio punho do detetive, podemos encontrar em “O Segredo de Sherlock Holmes” uma revelação inesperada. Uma jovem, empregada de uma das famílias mais poderosas de Londres, é acusada de roubo. Holmes precisa desafiar uma família poderosa, de modo a provar a inocência da moça. Mas há algo que vai muito além do que o simples sumiço de um objeto. A história de um passado distante ressurge para mexer com a cabeça do detetive. Que tipo de mistério fará com que Sherlock Holmes não dê solução a esse caso?

Sherlock Holmes nunca deu ouvidos às histórias e crendices populares. Mas em “O Monstro de Ipswich” ele se vê diante de um caso sobrenatural. Um velho fazendeiro pede sua ajuda para descobrir que espécie de monstro está matando os animais das fazendas da região e o detetive parte para mais essa investigação. Coisas muito estranhas

acontecem durante as buscas e Sherlock duvida do que seus próprios olhos lhe mostram. Seria o monstro de Ipswich uma criatura real, sobrenatural ou fruto da imaginação coletiva? Só há uma maneira de saber, e é acompanhando Holmes e Watson em mais esta aventura.

Que mistério poderia haver em um antigo anel? No caso “O Anel da Rainha”, Sherlock precisa recuperar uma joia que, num passado remoto, pertenceu à Rainha Maria II da casa dos Stuart e que poderia levá-lo à solução de um crime misterioso que envolvia a coroa inglesa e seus pertences. Contando com a sorte e sua habilidade em disfarces, Sherlock fará de tudo para resolver o caso ao qual a polícia recusou-se a dar-lhe acesso.

Já bastante idoso e aposentado, Sherlock é procurado pelo seu velho conhecido, inspetor Lestrade, para ajudar a resolver uma série de crimes que seu neto, detetive Lestrade, está investigando. Uma onda de violência atingiu Londres e somente o maior detetive de todos os tempos poderá descobrir o que está acontecendo. Será que, mesmo após tantos anos de inatividade, Sherlock será capaz de reunir evidências que solucionem esses mistérios? É o que descobriremos em “O Último Caso de Sherlock Holmes”.

Dedicatória

Dedico esta obra aos amigos que encontrei na comunidade do Orkut, As Novas Aventuras de Sherlock Holmes que, em anos passados, serviram de incentivo para que eu começasse a escrever contos "*Sherlockianos*".

— César Costa

Sobre o Autor

César Rodrigo Mendonça da Costa nasceu em 14 de Dezembro de 1980, na cidade de Resende-RJ, onde vive atualmente com a esposa e seus dois filhos. Bacharel em Sistemas de Informação, flerta com a escrita desde a adolescência, compondo músicas, escrevendo contos, poemas e outras histórias que vão da fantasia ao romance policial. Vencedor do Concurso de Novelas Históricas/ Bahia-2012, com o livro “2 de Julho – Uma História de Liberdade”, além desse, é também autor dos livros “O Guerreiro de Aukazland”, “O Sequestro”, “Lado A e Lado B – Retalhos de Uma História de Amor”, “Estocolmo, Segredos de Uma Vida”, “Meu Amigo William”, “Drazaon e Outras Histórias” e “Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes (Volumes 1 e 2)”. Participa das coletâneas: Em Contos de Amor, A Morte do Outro Lado da Luneta, Do Céu ao Inferno, Os Matadores Mais Cruéis Que Conheci II, Antologia Tupãense, Nova Literatura Brasileira e do Micro-contos de Humor IV. Tem na leitura e em séries televisivas o seu hobby.

Além do prêmio de Novelas Históricas, recebeu o prêmio Macedo Miranda/2013 como destaque na área de literatura e foi um dos vencedores do II Concurso Nacional de Literatura Infanto-juvenil de Ponta Grossa com a história “Em Busca do Patinete Perdido”.

Sumário

Introdução.....	11
O Segredo de Sherlock Holmes.....	13
O Monstro de Ipswich.....	51
O Anel da Rainha.....	87
O Último Caso de Sherlock Holmes.....	121





Introdução

Durante vários anos, tive o prazer de conviver e acompanhar Sherlock Holmes, o famoso detetive londrino. Ante tudo que presenciei, despertou-se em mim o desejo de relatar os mais diversos casos nos quais meu amigo se envolveu, ao longo de muito tempo. Desde que o conheci, fiquei fascinado por seus métodos investigativos, sua lógica quase impecável e pelas incríveis soluções que era capaz de encontrar para as mais variadas e adversas situações. Logo compreendi que deveria compartilhar esses casos com o mundo, para que todos, assim como eu, pudessem se maravilhar com essa nova e fantástica *ciência* da dedução. E assim o fiz durante um extenso período.

No entanto, ao longo da brilhante trajetória de Sherlock, existiram casos e situações que destoaram, de algum modo, dos seus procedimentos usuais. Além disso, outras histórias ficaram trancadas na gaveta de minha escrivaninha ou esquecidas em cadernetas e pastas recheadas de folhas. Algumas dessas histórias não foram relatadas intencionalmente, a pedido do meu querido amigo. Outras, entretanto, ficaram perdidas devido à minha falta de tempo para organizar e produzir os textos, visto que grande parte

SHERLOCK HOLMES - VOL. 2

de meus dias foi dedica à minha profissão como médico.

Por isso, por meio destes volumes, tento resgatar uma parte dessas histórias perdidas. Em algumas delas, o que realmente fez a diferença foi a sorte, uma coincidência, ou ainda, o caso foi facilmente resolvido, mas havia algo mais, que, por uma razão ou outra, não foi conveniente ser relatado no passado. Contudo, hoje que Sherlock já está idoso e aposentado, não faz mais sentindo esconder tais fatos. Nesta obra, incluo um dos poucos casos em que Sherlock Holmes preferiu relatar os acontecimentos de seu próprio punho, e onde algumas revelações são feitas (Vol. 2).

Como já disse, alguns dos relatos aqui apresentados ficaram ocultos devido apenas à minha incapacidade e falta de tempo. Não deixam de ser, entretanto, casos curiosos e interessantíssimos os quais tenho muito prazer em lembrar e relatar, ainda que tardiamente.

Este é um legado que deixo a todos aqueles que se interessam pela prática policial e investigativa, e espero que encontrem aqui também um pouco de diversão.

John Watson

CÉSAR COSTA



O Segredo de Sherlock Holmes

Após meu amigo, John Watson, relatar inúmeros casos resolvidos por mim, Sherlock Holmes, resolvi tecer observações sobre fatos que, de certa forma, tornaram-se marcantes para mim. Neste caso não aconteceu nada de espetacular, porém, Watson preferiu não o relatar, talvez por medo da minha reação ou ainda por causa da opinião popular.

Tudo aconteceu em abril de 1899. Acabara de retornar de uma viagem à Escócia, onde visitei um amigo em apuros, e já descansava em meus aposentos. Watson estava em sua clínica, tratando dos seus pacientes, que eram muitos. Sua fama como bom médico espalhara-se por toda Londres, além disso, seus escritos publicados sobre nossas aventuras contribuíram para que seu nome, assim como o meu, ficasse conhecido.

Eu estava decidido a tirar férias por, pelo menos, uma semana, pois meu último caso exigira muito de mim, cansando-me tanto mental quanto fisicamente. Essa foi uma das poucas vezes em que Watson não me acompanhou e, devo admitir, sua ajuda e companhia fizeram-me extrema falta. Ele resolvera não viajar pois não poderia simples-

SHERLOCK HOLMES - VOL. 2

mente fechar a clínica durante tantos dias de ausência. John sempre foi muito correto e responsável, e por isso sempre o admirei.

Enfim, os acontecimentos da Escócia não dizem respeito a este caso. Uso-os, portanto, apenas para iniciar minha narrativa e explicar quais as minhas condições naquele momento. Sinto não ser tão hábil para produzir romances, como meu querido amigo, Watson, mas creio que poderei fazer uma narrativa interessante e convincente para o leitor.

Estava em meus aposentos, após lavar-me e almoçar, quando ouvi uma batida na porta. Decidido a não interromper meu descanso, ignorei o som e continuei deitado, tentando adormecer. No entanto, o ruído se fez ouvir novamente, com mais intensidade desta vez. Compreendendo que não me deixariam em paz até que eu atendesse ao chamado, resolvi levantar-me e ver o que queriam.

Assim que abri a porta, deparei-me com uma moça que não deveria ter mais do que vinte anos. A jovem era alta, tinha, aproximadamente, um metro e setenta e dois, cabelos castanhos, presos com uma delicada fita branca, que estava suja em uma das pontas, indicando que ela a havia segurado displicentemente por uma extremidade, permitindo que a outra encostasse no chão. A boca carnuda e os grandes olhos negros estavam pintados com modéstia, indicando que não queria chamar a atenção. Magra, bela e de riso fácil, devido às rugas que começavam a surgir em tão tenra idade ao redor dos olhos e também dos lábios.

Trajava um vestido preto, com estampa de flores.

CÉSAR COSTA

O tecido era de baixa qualidade o que indicava que ela o havia comprado em uma loja do subúrbio, muito provavelmente um brechó, pois era perceptível que a veste pertencera a uma pessoa menor do que ela, visto que a bainha fora rebaixada para cobrir-lhe os tornozelos. Além disso, havia um *ponto* de costura nas alças indicando terem sido trocadas, provavelmente em substituição às alças menores. A antiga proprietária do vestido era mais gorda que a garota, pois este estava *cinturado* para se adaptar à nova proprietária.

Usava sapatos pretos, novos, sem saltos e arredondados. Eram de material mais caro do que o vestido, indicando que ela os teria ganho, muito provavelmente da patroa da casa onde trabalhava. Sem dúvidas, era empregada doméstica, pois tinha as unhas muito aparadas e sem pinturas, além das pontas dos dedos gastas por lidar com materiais de limpeza mais pesados. Pelo olhar angustiado, estava com sérios problemas, provavelmente no trabalho, segurava a singela bolsa com as duas mãos junto ao corpo, demonstrando ansiedade. Só viria a reparar no dente canino com a ponta quebrada posteriormente, pois o que citei acima foi tudo o que pude observar em apenas dez segundos, que foi o tempo entre abrir a porta e dizer:

- Olá.
- Olá, senhor Holmes, desculpe-me incomodá-lo.
- Disse com graciosidade.
- Olá, senhorita...
- Ane Margareth Schroeder! – Ela deu um sorriso

SHERLOCK HOLMES - VOL. 2

e, nesse momento, pude ver o dente ao qual me referi.

– Gostaria de entrar? – Falei gentilmente.

– Se não for incômodo... – Lá estava outro sorriso em seu rosto.

– Para dizer a verdade, acabo de chegar de uma longa viagem, então, se a senhorita puder ser breve... – Com um gesto, convidei-a a entrar.

– Desculpe-me novamente, senhor Holmes, mas não sei mais a quem recorrer.

– Problemas com sua patroa? – Perguntei.

– Como o senhor poderia saber?

– Não se preocupe com isso, diga-me apenas o que a aflige.

– Sim, prometo não lhe tomar muito o tempo. Fui acusada de roubo no meu trabalho. Gostaria que o senhor me ajudasse.

– Devo assumir então, que a senhorita é inocente.

– Fiz com que ela se sentasse e ajeitei-me também em minha poltrona próxima à janela.

– Sim, sou completamente inocente.

– E o que espera que eu faça?

– Gostaria que o senhor me ajudasse a provar isso, mas o problema é que sou uma simples empregada, não tenho dinheiro para lhe pagar.

– Ainda mais que a senhorita não roubou nada.

– Isso mesmo. – Ela sorriu, compreendendo a referência.

– O que alegam que a senhorita subtraiu da casa?

CÉSAR COSTA

— Uma joia da família, muito antiga e valiosa, também de grande valor sentimental.

— E por que você foi acusada? Não há outros funcionários na casa?

— Sim, há o chofer, a governanta e uma babá para a filha mais nova do casal, mas como trabalho lá há menos tempo que os outros, as suspeitas logo recaíram sobre mim. Além disso, a governanta encontrou-me próximo ao local do roubo e foi logo me acusando.

— Compreendo. Onde a senhorita trabalha?

— Na mansão dos Hatherford.

Os Hatherford eram, e ainda são, uma das famílias mais importantes de Londres. Dentre eles saíram grandes comerciantes, empreendedores, músicos, escritores, historiadores, advogados, políticos e, até mesmo, um lutador de boxe famoso mundialmente. Eram muito conhecidos e respeitados em todo o Reino Unido, tendo inclusive, um relacionamento pessoal com a Rainha Vitória. Era um caso muito delicado que se apresentava e eu precisava medir muito bem as consequências de me envolver com gente daquela estirpe.

— Diante do exposto, preciso pensar um pouco.

— Senhor Holmes, estão ameaçando prender-me. Fui acusada ontem e hoje já não pude voltar ao serviço, sob o risco de ser entregue à polícia. Procurei o senhor por estar desesperada. Ouvi, pelas ruas de Londres, que se alguém pode me ajudar a encontrar uma solução para meu problema, é o senhor. — A moça começou a chorar.

SHERLOCK HOLMES - VOL. 2

— Ora, acalme-se, não é preciso chorar. Tudo bem, irei ajudá-la.

— Verdade? — Ela me olhou com esperança e as lágrimas secaram.

— Sim, quando dou minha palavra, eu a cumpro.

— Não está dizendo isso apenas para que eu vá embora e o senhor possa se ver livre de mim? — A moça se sentou na ponta da poltrona e me encarou.

— Jamais! Se quisesse que você fosse embora, simplesmente a convidaria a se retirar.

— Muito obrigada, senhor Holmes! Juro que vou procurar um meio de lhe pagar. — Ane Margareth se levantou e me abraçou.

Aquele gesto pegou-me de surpresa. Muito desconcertado, fiquei parado sem saber o que fazer e não retribuí. Por mais constrangedora que fosse a situação, senti-me estranhamente confortável. A jovem se afastou de mim e tornou a sentar em sua poltrona. Ainda recuperando-me do gesto afetivo, falei:

— Não se preocupe com isso. Agora, preciso descansar um pouco. Vá para casa e nos encontraremos na mansão dos Hatherford amanhã, às nove da manhã.

— Sim, senhor Holmes, mais uma vez, muito obrigada. — As lágrimas rolaram por seu rosto novamente. Ela se levantou e aguardou que eu a conduzisse para fora.

Ofereci um lenço à Ane Margareth e a levei até a porta, para que se retirasse. Voltei para meu quarto, deitei e meditei sobre o caso da menina. Não havia ali nenhum mis-

CÉSAR COSTA

tério a ser solucionado. Era apenas mais um caso de furto, onde ficava a palavra do acusado contra a do acusador. O problema maior era o fato de estar envolvida uma joia rara e uma importante família. Entretanto, resolvi que o problema poderia ficar para mais tarde, fechei meus olhos e adormeci.

Acordei ao entardecer. Escutei meu amigo Watson entrar no apartamento e ir para seu quarto. Saí da cama e me dirigi à sala, onde um delicioso chá nos aguardava. A senhora Hudson era mesmo uma santa. Por mais que reclamasse e dissesse que não era nossa empregada, estava sempre disposta a nos agradar e paparicar. O doutor demorou um pouco em seus aposentos, pois estava se lavando. Comecei a tomar meu chá e aguardei até que ele se juntasse a mim.

— Olá, Sherlock, quanto tempo. — Watson me cumprimentou.

— Pois é, meu amigo! Devo admitir que senti sua falta.

— É mesmo? Não me diga! Gostaria de estar lá, mas infelizmente o consultório não me permitiu. O caso foi resolvido, penso eu.

— Sim. Este foi um dos mais trabalhosos. Depois farei um relato. Há coisas das quais você vai duvidar. Porém, no final, consegui encontrar as pistas e tudo foi resolvido.

— Suponho que aproveitarás o tempo para descansar um pouco!

— Supões bem, mas infelizmente não será possível

SHERLOCK HOLMES - VOL. 2

descansar pelo tempo que eu queria.

– O que houve? – Watson tinha o mesmo ar curioso de sempre.

– Uma jovem veio me procurar e precisarei me encontrar com ela pela manhã.

– Parece que os problemas te perseguem. – Ele riu.

– Terá sido por causa dos romances escritos por certo doutor? – Sorri com os lábios cerrados.

– Ora, Sherlock, vai me dizer que não achas interessante que eu relate teus feitos?

– A questão é que preciso que venhas comigo!

– Holmes, meus pacientes! – Watson protestou.

– Eles podem esperar.

– Para dizer a verdade, não tenho consultas para amanhã, imaginei que teríamos muito que conversar, mas é sempre bom saber como você dá importância ao meu trabalho. – Watson sorriu.

Relatei ao meu colega a breve conversa que tive mais cedo com Ane Margareth. Watson pareceu preocupado com o fato de lidarmos com uma família tão importante, mas eu lhe disse que isso não fazia diferença. Lidar com pobres ou ricos era o mesmo para mim. Ele concordou em me acompanhar até a mansão no dia seguinte. Jantou e disse que iria se retirar para descansar. Como acabara de acordar, resolvi dar um passeio pelas ruas de Londres e sentir um pouco da brisa da noite.

Deixei o apartamento 221-B na Baker Street e caminhei pelas ruas da cidade. Meditava sobre o caso de Ane

CÉSAR COSTA

Margareth e tentava bolar uma estratégia para resolvê-lo. Deveria entrevistar os patrões, assim como os empregados. Precisaria procurar o objeto, a partir do local onde se encontrava inicialmente. Ultimamente, estava me acostumando a lidar com casos que haviam se tornado grandes mistérios, mas um simples roubo, sem nenhuma situação incomum por trás, não parecia provocar a excitação necessária para que meu cérebro quisesse trabalhar. A menos que encontrasse fortes evidências para indicar algum outro suspeito, seria um caso infrutífero.

No entanto, não poderia recusar-me aos pedidos daquela moça, afinal sua honra estava em jogo. Era algo que eu precisava fazer, mesmo sem saber por onde começar. Vaguei por um bom tempo e, mesmo sem perceber, acabei chegando à mansão Hatherford. Havia candeeiros acesos em alguns dos quartos, mas a maior parte da residência estava em completa escuridão. Não havia muros ou portões cercando a propriedade, senão uma bela cerca viva que estava bastante florida àquela época do ano.

Era, sem dúvida, uma obra imponente, digna de um rei. Percebi que se tratava de uma mansão de dez quartos, provavelmente possuía uma grande sala de estar, assim como um belo salão de jantar. A cozinha ocupava uma grande área do primeiro dos três pavimentos que compunham o lugar. A leste e a oeste, duas imponentes torres podiam ser vistas. Uma das laterais do casarão era coberta de trepadeiras com belas flores amarelas. Havia cães, mas não muito grandes. Creio eu, servissem mais para o entretenimento.

SHERLOCK HOLMES - VOL. 2

mento das crianças da família do que para proteger o lugar. Resolvi contornar toda a casa, que ocupava uma grande área. Nos fundos havia um belo estábulo, esse sim dotado de cercas altas para que nem os animais fugissem, nem ladrões resolvessem se arriscar a roubá-los.

Havia ali, naquele instante, três cavalos além de uma bela carruagem estacionada ao lado. Na porta do veículo podia-se ver gravado o brasão da família Hatherford. O mesmo existia na parede do estábulo. Era sem dúvida um lugar muito bonito. Não havia na cidade quem ousasse prejudicá-los de modo algum, pois sabiam de sua grande influência. Sem dúvidas, era estranho que alguém tivesse realmente a coragem de roubá-los, pois se fosse pego, as consequências não seriam nada agradáveis.

Enquanto dava a volta no lugar, observei uma estranha figura rondando a propriedade. Um ser vestido de negro, com um pano amarrado à cabeça, esgueirava-se para os fundos da casa. Sem pensar duas vezes, segui a incomum aparição e observei o que fazia. A pessoa tentou forçar algumas janelas, mas nenhuma se abriu, por mais que insistisse. Permaneci fora de seu campo de visão e, à distância, observei o sujeito tentar abrir a porta dos fundos e a entrada que dava para o porão. Repentinamente, uma luz da cozinha foi acesa e a pessoa fugiu pelo jardim. Saltando uma planta espinhosa, que formava a cerca viva da parte de trás da casa, soltou um “*ai*” involuntariamente, que logo identifiquei como sendo emitido por uma mulher.

Observei por mais alguns segundos a mulher miste-

CÉSAR COSTA

riosa correr pela rua até desaparecer de minha vista. Pouco tempo depois, a luz da cozinha se apagou e também resolvi sair dali. Caminhei mais um pouco pela noite fria, tentando colocar as ideias no lugar. Por um instante, pensei em seguir a mulher de preto, mas algo dentro de mim disse para não fazê-lo. Resolvi que, no dia seguinte, investigaria os fundos da propriedade e tentaria chegar a alguma conclusão sobre a estranha visita noturna sem, para isso, precisar confrontar ninguém.

Retornando ao apartamento, o mesmo se encontrava silencioso e escuro, tudo que eu conseguia escutar era um ressonar baixo de Watson em seu quarto. Deitei-me, mas adormecer foi uma grande dificuldade. Logo para mim, que possuía a capacidade de dormir em qualquer hora e lugar, quase que instantaneamente. Entretanto, o caso de Ane Margareth tirou-me completamente o sono e o pior era que eu não sabia sequer o motivo. Revirei-me a noite toda, até às seis da manhã, quando resolvi levantar e ficar preparado para meu compromisso às nove horas. Reli um artigo de minha autoria sobre manchas de sangue, mas estava tão desatento que não consegui fazer nenhuma alteração no documento que deveria ser entregue dentro de uma semana e meia.

— Vejo que caíste da cama! — Watson apareceu repentinamente, me assustando.

— Sim, dormi demais ontem à tarde e não conseguir encontrar o sono durante a noite. — Expliquei.

— O grande Sherlock Holmes, com problemas para

SHERLOCK HOLMES - VOL. 2

dormir? Esse caso deve ter mesmo algo de muito importante. — Watson riu, mas não achei graça nenhuma.

— Que horas são? — Perguntei.

— Sete e meia. Vou me arrumar para irmos à mansão dos Hatherford.

— Não precisa se apressar, não é muito longe daqui.

Quando o relógio marcou oito e meia, meu amigo e eu saímos de nosso apartamento. Estava um dia quente e agradável, perfeito para um passeio no parque. No entanto, eu tinha um roubo para esclarecer e isso não podia esperar. Chegamos em frente à mansão, faltando oito minutos para as nove horas. Posicionamo-nos nas escadas da entrada principal e aguardamos. Não tardou muito, um dos funcionários saiu e veio ao nosso encontro.

Era uma senhora de meia idade com uniforme de cozinheira, gorda, baixa, com uma touca suja de molho de tomate em um dos lados. Acabara de cortar cebolas, pois evitava a todo custo ter contato dos dedos com os olhos para não fazê-los arder. Ainda que lhe coçassem muito, esfregava-os com as costas das mãos. Suava muito, embora o dia não estivesse assim tão quente, indicando que estivera junto ao fogão até aquele instante. Tinha nos pés uma sandália que não lhe permitia esconder os joanetes, certamente o motivo pelo qual não usava sapatos fechados. Usava óculos, apesar de estar sem eles no momento, pois precisou forçar a vista para enxergar nosso rosto.

A senhora queria saber o que fazíamos ali. Expliquei-lhe que viera para elucidar a questão do roubo da joia

CÉSAR COSTA

de sua patroa e que aguardava a chegada da jovem acusada de tal ato. Fomos convidados a entrar, mas preferi ficar ali aguardando Ane Margareth que, certamente, não demoraria.

Esperamos por mais alguns minutos e a moça apareceu. Estava com um sapato branco bem gasto, uma saia longa, com bordados e uma camisa de lã de mangas compridas e gola rolê. Apresentei-a ao doutor Watson, que fez muito gosto em conhecê-la. Dirigimo-nos até a propriedade e eu bati. A porta foi aberta e a mesma funcionária que nos abordara antes, apareceu. Pediu-nos que entrássemos e aguardássemos na sala de estar, onde a senhora Clarisse Hatherford nos encontraria. Sentei-me numa confortável poltrona, Watson e Ane ajeitaram-se num grande sofá e aguardamos.

— Imaginei que a essa hora você já estivesse na cadeia! — Falou a senhora Hatherford ao entrar na sala e ver que Ane Margareth estava presente.

— Acalme-se senhora, não partamos para acusações sem provas. — Watson defendeu a menina.

— Não preciso de provas para saber que foi esta ladra quem roubou o camafeu de minha tataravó. — O ódio em sua voz era evidente.

— Como pode fazer tal afirmação, se o objeto não foi encontrado em posse desta jovem? — Watson interrogou.

— Antes dessa ladra trabalhar nesta casa, nada havia sumido. O senhor quer mesmo me convencer de que foi uma triste coincidência? Não insulte minha inteligência, senhor...